



CORES E OLHARES NO BRASIL OITOCENTISTA: O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DE IMAGENS.

Autor (1): Sandeilson Beserra Nunes; (2) Co-autor: Mirelly Maciel da Silva; Co-autor (3): Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno.

Autor (1): Universidade Estadual da Paraíba, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: sandeilson@hotmail.com.

Co-autor (2): Universidade Estadual da Paraíba, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: mirellymaciel95@hotmail.com.

Co-autor (3): Professor da Universidade Estadual da Paraíba, Coordenador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, subprojeto História.

RESUMO: Este ensaio relata as experiências obtidas em uma oficina, onde foram analisadas as obras de Debret e Rugendas. Foram ministradas na sala de aula os aspectos e a representação da escravidão no Brasil a partir das litografias feitas por estes viajantes durante a Missão Artística Francesa analisando o contexto das iconografias da chegada do negro no Brasil até o processo abolicionista. Instigando os alunos o olhar crítico para com as imagens e a identificação do que elas representam, fazendo com que os alunos formem opiniões que despertem além de sua curiosidade dando mais que sentido e significado as imagens feitas por estes pintores, inovando as formas de aprendizado em conjunto com a interdisciplinaridade. Estas análises ajudam a aguçar o olhar dos educandos nas representações artísticas, transformando o olhar do discente a partir dos meios artísticos e suas representações sob as mais diversas épocas e dos acontecimentos mais importantes. Observando a partir dessas análises, as contribuições do negro na construção da sociedade. Desta forma, os alunos puderam refletir também a cerca da importância do negro para o desenvolvimento econômico, político e social no Brasil, que passou por todos ciclos econômicos do país e fomentou maciçamente, a composição cultural e religiosa a partir da sua diversificação de costumes entre os escravos e colonizadores, as suas funções durante todo o processo da colonização entre outros aspectos importantes que foram retratadas através das artes.

Palavras-chave: Debret e Rugendas, Análise de Imagens, História do Brasil.



INTRODUÇÃO:

Aprender sobre a História do Brasil serve de guia para balizar nossos entendimentos e compreendermos as relações humanas e políticas do nosso cotidiano. Apresentar novas percepções e novos mecanismos para estudo e analisar suas fontes, tem sido o trabalho de nós historiadores. Pretende-se aqui ofertar uma possibilidade de estudo e entendimento de nosso passado através de imagens, dessa forma, buscamos esmiuçar para de forma crítica e analítica as iconografias do francês Jean-Baptiste Debret e o alemão Johann Moritz Rugendas.

Nesse sentido busca-se aqui empreender algumas considerações de um dos mais instigantes elementos constitutivos do passado histórico brasileiro. A Escravidão. Não se pretende, obviamente, esgotar o assunto nem tão pouco revolucionar a compreensão de um fenômeno tão profundo e revelador de nossa história dinâmica, econômica e social. Tendo em vistas que estes pintores, oriundos da Missão Artística Francesa¹, que vão dar traços e cores desde da chegada dos povos africanos, perpassando por todos os ciclos econômicos do Brasil, permeando pela, cultura, religião e relações sociais. Esta análise, possibilita o uso das imagens como fontes para o entendimento de nosso passado e como mecanismo dinamizador da aula e o estudo acerca de um ponto tão instigante e importante do nosso passado.

Componente de nossa identidade cultural e das relações de produções em nossa sociedade, o negro como força motriz de todo o processo econômico e social são cada vez mais debatidos e ganham cada vez mais ramificações e descobertas gerando acirrados debates e complexas contradições (BLACKBURN, 2002. p. 26). Longe de representar um entrave, uma possibilidade para a prática da pesquisa, as contradições são inerentes ao processo de construção do saber e revelam a imensa gama de possibilidades que o estudo das imagens pode trazer para o campo de discussão historiográfico.

Não desmerecendo os demais pintores que desembarcaram no Brasil as Obras de Debret e Rugendas é de uma importância ímpar para o Brasil por suas características historiográficas. Estas iconografias constituem hoje importante registro sobre usos e costumes do povo brasileiro no início do século XIX. Estes artistas contribuem para o florescimento da

¹ Grupo de artistas e artífices franceses que, deslocando-se para o Brasil no início do século XIX, revolucionando o panorama das belas-artes no país introduzindo o sistema de ensino superior acadêmico e fortalecendo o neoclassicismo que ali estava iniciando seu aparecimento. O grupo era liderado por Joachim Lebreton, e, foi amparado pelo governo de dom João VI.



arte no Brasil e fomentou a ideia de liberdade artística, em uma sociedade acostumada com artesanato e com arte ditada pela religião.

Do ponto de vista estilístico, Debret e Rugendas são desprovidos de qualquer emoção. O caráter historiográfico de suas telas necessita de uma abordagem objetiva e fria. O Debret se referia a seus trabalhos como “documentos historiográficos e cosmológicos”, logo, "Debret procura um ponto de vista impessoal, preceito de pintura histórica, na qual coloca o narrador diante da realidade dos fatos (BELLUZZO, 1994. p. 10).

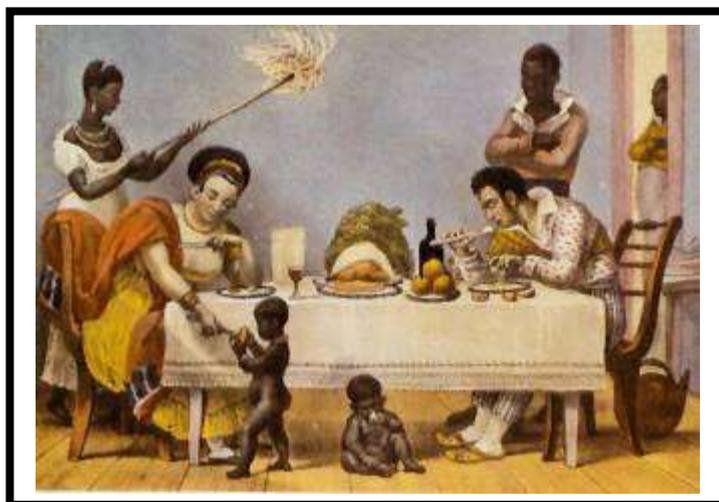
Devido ao enfoque documental nas obras de Debret e Rugendas, observa-se que vários detalhes da vida do Brasil em especial a metrópole Rio de Janeiro, foram retratadas como; o dia a dia dos escravos, miseráveis, ricos e a corte portuguesa. Sua obra procura acender traços particulares do país e do povo brasileiro preocupa-se em preservar o passado daquele povo. Assim, tencionava mostrar a Europa que o Brasil merecia lugar junto aos demais países “civilizados”.

Embora as cenas que retratavam, nem sempre eram representadas fielmente, não podemos considerar os volumes de Debret e Rugendas como retratos fieis do Brasil oitocentista, mas como um grande exemplar de pintura histórica.

METODOLOGIA

A oficina utilizou como metodologia ao longo das atividades desenvolvidas dentro da sala de aula as iconografias dos artistas Debret e Rugendas como ilustra esse quadro de Debret:

FIGURA 02



JEAN-BAPTISTE DEBRET: Um jantar brasileiro, 1827.

“Um jantar Brasileiro” é uma das obras do francês Jean Baptiste Debret, é uma das obras mais difundida pelos livros didáticos que traz como tema as relações de cotidiano no Brasil Colonial e como era a relação entre o negro e o branco. A tela exposta aqui seve de parâmetro para balizar nosso conhecimento nos permitindo fazer uma análise crítica acerca das disparidades existentes na sociedade brasileira daquele período. Como foi observado em nossa oficina as relações escravistas, vislumbramos que o negro era o pilar de sustentação da nossa economia e sociedade.

Ao analisarmos a imagem, onde nos chama atenção ao observar a cena é a extrema facilidade na qual conseguimos identificar os livres e os cativos. Isso se dá único e exclusivamente pela tonalidade de pele, onde os negros estão em segundo ou abaixo do campo de visão e na parte central onde a visão é canalizada vemos o branco. De forma secundaria, essa diferenciação é feita também pelo fato de que alguns negros servem, é o caso da negra que abana o casal, e de os outros estão à disposição dos brancos para atender as suas necessidades.

A farta mesa devorada pelo casal é um ponto estratégico para refletirmos a desigualdade social existente na época. Como esboça Debret em sua obra “Uma Viagem

Pitoresca ao Brasil”, onde um jantar na casa de um pequeno ou médio negociante, como o que se vê na cena era constituído de:

(...) de uma sopa de pão e caldo gordo, chamado caldo de substância, porque é feita com um enorme pedaço de carne de vaca, salsichas, tomates, toucinho, couves, imensos rabanetes brancos com suas folhas, chamados impropriamente nabos etc., tudo bem cozido. No momento de pôr a sopa à mesa, acrescentam-se algumas folhas de hortelã e mais comumente outras de uma erva cujo cheiro muito forte dá-lhe um gosto marcado bastante desagradável para quem não está acostumado. Serve-se ao mesmo tempo o cozido, ou melhor, um monte de diversas espécies de carnes e legumes de gostos muito variados embora cozidos juntos; ao lado coloca-se sempre o indispensável escaldado (flor de farinha de mandioca) que se mistura com caldo de carne ou de tomates ou ainda com camarões; uma colher dessa substância farinhosa semi-líquida, colocada no prato cada vez que se come um novo alimento, substitui o pão, que nessa época não era usado ao jantar. Ao lado do escaldado, e no centro da mesa, vê-se a insossa galinha com arroz, escoltada, porém por um prato de verduras cozidas extremamente apimentado. Perto dela brilha uma resplendente pirâmide de laranjas perfumadas, logo cortadas em quartos e distribuídas a todos os convivas para acalmar a irritação da boca já cauterizada pela pimenta. Felizmente esse suco balsâmico, acrescido a cada novo alimento, refresca a mucosa, provoca a salivação e permite apreciar-se em seu devido valor a natural suculência do assado. Os paladares estragados, para os quais um quarto de laranja não passa de um luxo habitual, acrescentam sem escrúpulo ao assado o molho, preparação feita a frio com a malagueta esmagada simplesmente no vinagre, prato permanente e de rigor para o brasileiro de todas as classes. Finalmente, o jantar se completa com uma salada inteiramente recoberta de enormes fatias de cebola crua e de azeitonas escuras e rançosas (tão apreciadas em Portugal, de onde vêm, assim como o azeite de tempero que tem o mesmo gosto detestável). A esses pratos, sucedem, como sobremesa, o doce-de-arroz frio, excessivamente salpicado de canela, o queijo de Minas, e mais recentemente, diversas espécies de queijos holandeses e ingleses; as laranjas tornam a aparecer com as outras frutas do país: ananases, maracujás, pitangas, melancias, jambos, jabuticabas, mangas, cajás, frutas do conde, etc. (DEBRET, 1839)

Se por um lado, a comilança e a farta mesa de jantar do negociante se repetia a cada dia em contraponto a refeição dos negros era de apenas; “(...) dois punhados de farinha seca umedecidos na boca pelo suco de algumas bananas os laranjas. ” (DEBRET, 1839). Isto explica o fato do escravo que está em pé, próximo a mesa, com “olhar fixo” para farta mesa, faminto ou mal alimentado, questionamos; o que ele pensa diante de tal situação?

Na parte de baixo da tela é apresentado duas crianças que ainda não atingiram a idade de serem utilizados nos serviços mais pesados, ou seja, no trabalho cruel do dia a dia, o processo escravista brasileiro. Acerca destas crianças, Debret fala:

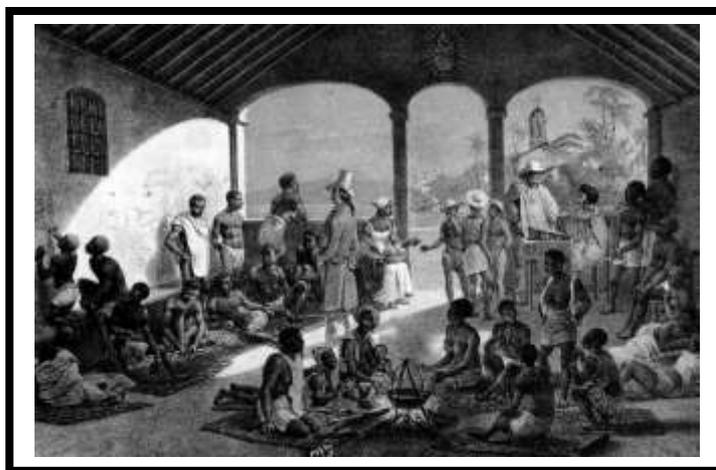
(...) é costume, durante o tête-à-tête (conversa a parte entre duas pessoas) de um jantar conjugal, que o marido se ocupe silenciosamente com seus negócios e a mulher se distraia com os negrinhos que substituem os doguezinhos (cachorros), hoje quase completamente desaparecidos na Europa. (DEBRET, 1839).

Dessa forma, assim como os cães que ficam ao pé da mesa na hora do almoço ou do jantar, na espreita de conseguir algo, as crianças cativas recebiam das mãos de sua senhora, manjares e doces. “Pobres meninos”, que mal-acostumado aos “mimos” de sua senhora, em breve cairá na laboriosa luta diária de um escravo e passará a comer a tal farinha umedecida com suco de algumas poucas laranjas ou bananas.

Ler uma imagem historicamente é mais do que apreciar o seu esqueleto aparente, pois ela é construção histórica em determinado momento e lugar, e quase sempre foi pensada e planejada. Por exemplo, tanto fotógrafos como pintores negociam o cenário das imagens que produzem, mas essa negociação não é aleatória, pois visa um público e o que se quer mostrar a este público. (SARDELICH, 2006, p. 457).

Estes e outros códigos de linguagem, bem como os discursos e a variedade de imagens que nos são apresentadas ao longo da vida, acabam por criar socialmente as nossas identidades, os nossos valores e preferências. As imagens na grande mídia contribuem para as relações sociais, econômicas, políticas e afetivas que os indivíduos constroem. É, portanto, papel do educador revelar as maneiras de apropriação da imagem, como estudá-las e analisá-las.

FIGURA 03



JOHANN MORITZ RUGENDAS: Mercado de negros, 1835.



Indo mais além iremos observar e analisar as imagens de Rugendas para obtermos um panorama mais amplo dessa relação e compreendemos suas imagens. O quadro acima é um marco na história da caricatura no Brasil, embora este seu aspecto nunca tenha sido ressaltado. A imagem é bem conhecida. Faz parte do volume *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Johan Moritz Rugendas (1802-1858), editado originalmente em 1835, na Alemanha e na França. O título é “Mercado de negros” e não há indicações sobre o local retratado.

Observamos inúmeros recortes em um painel da barbárie, neste observamos 28 negros entre adultos, mulheres e crianças, três brancos. Os primeiros estão espalhados pela cena, deitados, sentados, conversando, cozinhando e olhando o horizonte. Um deles é literalmente manuseado por um dos brancos, o que está sentado junto a uma espécie de caixa do estabelecimento, enquanto conversa com um possível comprador. Deve estar alardeando as qualidades de sua mercadoria. Um terceiro branco examina o que se chamava de “peças”. Pela data aproximada e pela paisagem externa encontramos o mar, tudo indica tratar-se de cativos recém-chegados da África. Produto novo. O tráfico marítimo se extinguiria apenas em 1850, por pressão inglesa. A partir dali o comércio interno intensificou-se e a compra de africanos reduziu-se a pequenas transações clandestinas.

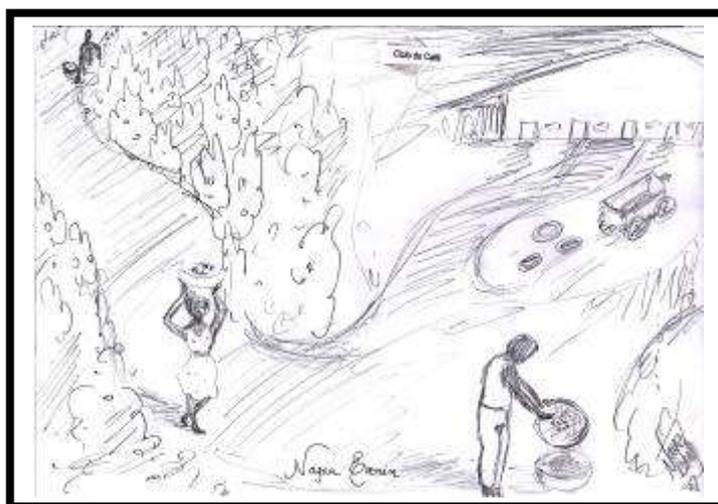
Há uma característica comum a quase todos os negros retratados. Estão em posição passiva, será mesmo que os negros eram pacíficos? Esperando serem negociados. Mas há um dos apressados que difere de todos os demais. Vamos vê-lo mais de perto. É um menino, aparentemente. Tem na mão algo que lhe permite rabiscar a parede. Ninguém lhe dá muita atenção, a não ser dois companheiros mais próximos. Enquanto traça uma série de círculos ou desenhos alinhados na vertical, pelo que consta é possível ver mais três desenhos. Tudo aqui são conjecturas. Os demais riscos podem ser dele, como poderiam já estar ali, antes de sua chegada.

Sendo assim, observamos que os pilares da sociedade brasileira colonial estavam fundamentados na desigualdade social e cabe a nós professores de história refletirmos sobre estas configurações de sociedade que ainda estão muito presentes em nossa sociedade, as artes, ou melhor, as imagens nos dão suporte necessário para refletirmos este mal que ainda não foi superado. Sendo as imagens do cotidiano “Um jantar Brasileiro” do Debret ou “Mercado de Negros” do Rugendas nos revelam aspectos que eram corriqueiros naquele período e ainda hoje. Graficamente são surpreendentes ambas as telas observamos o cabedal infinito de possibilidades que está nos fazem refletir sobre o negro e sua importância nas relações sociais, políticas e econômicas sendo, este, força motriz em ciclo econômicos e em toda história do Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram experiências vivenciadas e evidenciadas nas atividades e o cotidiano dentro da oficina na sala de aula que possibilitou a produção desse trabalho. Entrevistas e relatórios foram realizadas ao decorrer das atividades. Como resultado podemos tirar nos relatos e nos desenhos a importância e as impressões que ficaram nos alunos e professores que participaram das atividades, entre os relatos temos:

A imagem nos mostra atitude, é interessante como os pintores mostram a realidade daquele tempo e como era difícil pintar naquela época, pois as imagens nos mostram detalhes bem interessantes do cotidiano da época a pesar de o negro sobre muito o mesmo era muito importante para toda relação econômica da colônia no início do século XIX. (Relato da Aluno A.D.M 2ª EPT da E.E.E.F.M Mons. Emiliano de Cristo) (Grifos nossos).



Ciclo do Café: desenho feito pela aluna Nayara Evelin 2ª EPT da E.E.E.F.M Mons. Emiliano de Cristo retratando a importância do negro neste período.

CONCLUSÃO

Observamos aqui quadros pintados no início do séc. XIX. É passível de ponderação a utilização destes quadros para outros períodos como o séc. XX e XXI, podemos dizer que objetivamos lançar luz para os anos iniciais da colonização proporcionado a todos que colaboram com este recurso didático romper com os rótulos dos maiores clássicos (Caio



Prado Júnior, Gilberto Freyre, Paulo Prado e Sergio Buarque de Holanda) que “cercam” o negro em espaços que beiram o esquecimento sendo uma “raça inferior”.

Não pretendemos reafirmar erros e legitimar o discurso colonizador, se pretendeu alargar o conhecimento do aluno refletindo sobre o cabedal infinito de possibilidades quando se trabalha com imagens como estas.

A existência destas possibilidades transmite a perspectiva de que, como fenômeno histórico, tanto o período escravista e a relação do negro com toda conjectura social, política e econômica foram primordiais para a estrutura econômica e social do país, assim sendo as imagens deste período são elementos didáticos interessantíssimos para os professores de História analisarem e compreenderem as relações entre aquele e este período vigente.

REFERÊNCIAS

BELLUZZO, A. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Fund. Odebrecht; Metalivros, 3vol. 1994.

BLACKBURN, Robin. **A Construção do Escravismo Colonial**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Martins, 1940.

DEBRET, Jean-Baptiste. **O Brasil de Debret**. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Martins, 1941.

RUGENDAS, Johann Moritz. **O Brasil de Rugendas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa**.

Cadernos de Pesquisa, vol. 36, n. 128, p. 451-472, ago. 2006.